

salvar-me?!». Digamos, sim: «quero salvar-me e por isso quero emendar-me dos meus defeitos, nunca perdendo a coragem»”.⁴

- Ser missionários contemplativos e pobres que sejam capazes de reconhecer Deus nos desertos da vida, enraizados na história, mas sempre voltados para o futuro: “*Ora, quando se caminha na presença de Deus acaba-se por fazer tudo bem, à perfeição.*”⁵

- Amar o próprio tempo vivendo com fidelidade o presente, a “hora” que nos foi dada, sem fugir das responsabilidades, vendo o agora como o verdadeiro tempo de Deus: “*«no tempo favorável, ouvi-te e, no dia da salvação, vim em teu auxílio. é agora o momento favorável. é agora o dia da salvação»* (2 Cor 6, 2). São Paulo define «tempo favorável», o tempo do Evangelho, que se deve aceitar com reconhecimento e amor”⁶.

- Viver com alegria é missão e testemunho pois a alegria verdadeira nasce de Deus e é sustentada pela oração, pela cruz e pela esperança da eternidade. Assim, a esperança torna-se fonte de renovação, fidelidade e alegria para o missionário, sustentando-o no seu caminho e tornando-o sinal de Deus para o mundo: “*sede pois corajosos e alegres! S. Francisco de Sales vivia sempre contente. “servi o Senhor com alegria!”*”⁷

Para nós missionários, a esperança é o que torna possível recomeçar sempre - *nunc coepi!* - com coragem, alegria e fidelidade. Neste Ano Jubilar, somos todos peregrinos da esperança, chamados a manter acesa a luz que orienta e aquece. Como o farol na tempestade, a esperança não remove os ventos nem acalma o mar - mas mostra o caminho. E isso basta para continuar!

Para reflexão pessoal

- De que forma eu sou farol na vida do próximo?
- A esperança é uma realidade na minha vida missionária?
- Qual é o meu compromisso enquanto peregrino da esperança?

⁴ Tudo pelo Evangelho, Cap. 5, 91.

⁵ Tudo pelo Evangelho, Cap. 10, 182.

⁶ Tudo pelo Evangelho, Cap. 3, 39.

⁷ Tudo pelo Evangelho, Cap. 12, 199.



“O Paulo era um pescador solitário que vivia à beira-mar. Depois de perder a sua esposa, nunca mais tinha saído com o seu barco para pescar. Os dias passavam lentos, e para ele deixou de fazer sentido navegar nas ondas que ele tanto amava. Certa noite de inverno, uma forte tempestade caiu sobre a pequena vila: os ventos gritavam, e as ondas pareciam monstros enfurecidos. O Paulo ficou observando tudo pela janela, até que, entre os raios e trovões, viu uma pequena luz piscando ao longe. Era o farol que se mantinha aceso, firme, apesar de todo o caos que o rodeava. Na manhã seguinte, soube que um barco de jovens pescadores se tinha perdido no mar, e que foi a luz do farol que os guiou de volta à costa. No dia seguinte, algo mudou. Ele limpou seu velho barco, ajustou as velas, e ao pôr do sol, saiu para pescar. O Paulo entendeu que, às vezes, a esperança é somente isso: uma pequena luz acesa na tempestade.”

Esta pequena história ajuda-nos a entender que a esperança não elimina a tempestade, mas aponta um rumo, não exigindo grandes certezas, apenas pequenos passos rumo a certeza. No mundo de hoje, cercado por crises e desesperanças, a esperança não é um luxo - é uma necessidade vital. E, como o farol para os navegantes, ela continua firme, acesa, convidando-nos a continuar, mesmo quando tudo parece perdido.

A palavra esperança carrega em si mesma um dinamismo silencioso. Em latim, *spes* significa “expectativa confiante”, e está ligada ao verbo *sperare* (esperar com confiança). Já em grego, a palavra correspondente é *elpís* (ἐλπίς), que também se refere à expectativa, mas com uma conotação mais existencial: uma confiança voltada ao futuro, muitas vezes além do visível.

O Papa Francisco, neste ano Jubilar convidou-nos a viver a nossa fé como um caminho, recordando-nos que a vida cristã é uma peregrinação contínua em direção a Deus. A esperança, neste contexto, não é simplesmente um otimismo ou um desejo de um futuro melhor, mas uma virtude teológica baseada na certeza de que Deus é fiel às suas promessas: “«*Nós que procuramos refúgio n’Ele, encontramos grande estímulo agarrando-nos à esperança proposta. Nessa esperança, temos como que uma âncora segura e firme da alma, que penetra até ao interior do véu, onde Jesus entrou como nosso precursor*» (Heb 6, 18-20). É um forte convite a nunca perder a esperança que nos foi dada, a mantê-la firme, encontrando refúgio em Deus.”¹

S. José Cafasso, modelo de esperança

S. José Allamano apontava o seu tio José Cafasso como um modelo de esperança que todos os seus missionários deviam seguir: “*Tinha tanta esperança que até a transmitia aos outros. Quando alguém lhe dizia que a porta do céu é estreita, logo respondia: «Ah sim? Então que passe um de cada vez!» Era capaz de infundir esperança até nos condenados à morte, dando-lhes recados para levar a Nossa Senhora; e depois duma execução qualquer, exclamava: «lá vai mais um santo!» E acrescentava: «Aqueles malandros estão a roubar-nos o céu!» Portanto, devemos ter esperança, esperar com toda a força!*”²

A esperança não é apenas uma virtude teológica abstrata, mas uma força concreta que dá sentido e direção à vida, mesmo nas situações mais dramáticas, como a proximidade da morte. Somos convidados a viver uma esperança ativa, contagiante e cheia de confiança no amor de Deus, ou seja, como missionários, somos chamados a ser fontes de esperança para os outros, mesmo (ou especialmente) quando tudo parece perdido.

¹ Papa Francisco, *Spes non confundit*.

² *Tudo pelo Evangelho*, Cap. 5, 91.

Confiança: a esperança mais pura

Na sua espiritualidade, José Allamano fala-nos da confiança como a forma mais elevada da esperança, a sua “quintessência”. A palavra “quintessência”, que vem do latim *quinta essentia*, sugere tudo o que é mais puro, o mais essencial: devemos confiar em Deus acima das próprias fraquezas, acima das quedas, acima da nossa lógica humana.

Existe na nossa vida um conflito eterno entre não fazer nada e a grandeza da nossa vocação missionária, mas não desanimemos pois esta é uma experiência comum entre os que buscam viver o Evangelho com autenticidade: sentem-se indignos, incapazes, desanimados. Mas a resposta não está em desistir, mas sim em mergulhar mais fundo na confiança.

Um missionário sem confiança torna-se “*um tormento para si e para os outros*”. Sem confiança, não há alegria, e sem alegria, não há Evangelho que se transmita. A confiança é, portanto, não só uma virtude teológica, mas um dever apostólico pois ela contagia, gera paz e faz brotar frutos: “*Gosto muito de uma oração sobre a confiança em Deus: um dia trago-a até vós. «Nunca perderei a confiança em Ti, meu Deus.» Ah, como é bonito!*”³

Esta confiança precisa ser cultivada, alimentada e partilhada. O Salmo 124 - “*Aqueles que confiam no Senhor são como o monte Sião: não vacila, está firme para sempre*” - exorta-nos a possuir essa firmeza pois ela será o alicerce da nossa Missão!

A esperança no ser missionário

A esperança transforma profundamente a vida do missionário, levando-os a viver com um espírito novo e pascal, ou seja, viver à luz da Páscoa de Cristo, cultivando uma nova maneira de ser, de pensar, de agir e de se relacionar com Deus, com os outros e com a própria história. Aqui apresento alguns dos desafios que S. José Allamano nos apresenta, sempre ancorados na esperança:

- Ser missionários novos e pascais que vivem com uma perspetiva renovada, sem medo da história ou do futuro, sempre abertos à novidade do Ressuscitado: “*Portanto não digamos: «quem sabe se irei*

³ *Conf. MC*, II, 443.